



Gaiato

30 de MAIO de 1970
ANO XXVII — N.º 684 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO



Hora de recreio. E descontração. Um encostado à árvore, de olhos arregalados. Outro feito mirone do grupo que saltita. Mais outro de arco e gancheta. E, ainda, um par na cavaqueira. Somos uma Casa de Família!

CANTINHO DA FAMÍLIA

Julgo concluir hoje pensamentos que me ficaram da palavra do nosso Bispo de Coimbra na inauguração do novo Lar.

Sempre será difícil para o homem amar, amar autenticamente torneando os riscos de cair no amor de si mesmo. Só Deus é perfeito no amor porque é Amor. Será, portanto, regra para os homens: Quanto mais vivermos dEle, mais fôr Ele a viver em nós — quanto mais nos convertermos em espécie do Amor — tanto mais tenderemos para a perfeição do amor que uns aos outros nos devemos.

Há, pois, uma circunstância de tempo que se torna essencial: «Nisto consiste o amor: não fomos nós que amámos a Deus, foi Ele que nos amou».

Em linguagem de Eternidade, viver é amar. E quem pode viver se antes não fôr gerado? E, sem abdicação do nível próprio de seres racionais, quem pode gerar à parte o amor?

Por isso «o amor vem de Deus e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece-O».

O amor do homem é uma resposta a um amor-primeiro.

É certo que o amor é essencialmente diálogo, circulação. Não prescinde de dois sujeitos activos no dar e receber do amor. Amor não correspondido não o é para aquele que se cristalizou apenas objecto. A ausência do acto causa e significa a morte do sujeito — sujeito sem verbo, frase incompleta, inexpressiva, que nada diz, só sugere morte.

Ora Deus para exprimir melhor o Seu amor de iniciativa e tornar mais irrecusável a resposta, «assim Se manifestou entre nós: Enviou ao mundo o Seu Filho Único, para nós vivermos por Ele».

É vivendo por Ele, querendo que seja Ele a viver em nós, que somos reunidos ao Filho Único de modo tão indissolúvel, que «na verdade somos filhos» também e «tal nos podemos nomear».

Continua na TERCEIRA página

Aquí LISBOA

Ao cristão nunca se exigiu fé tão viva e esclarecida como nos tempos de crise. Sob a aparência do natural ou do indiferente, e até da virtude, apresentam-se as ideias ou os factos mais torpes ou desnorteantes. Assim nos dias presentes. A difusão dos meios de comunicação social mais favorece a confusão e o desorientamento. Foi sempre mais fácil destruir do que edificar. O Bem e o Belo encontraram sempre maiores escolhos. Os termos perderam o seu significado etimológico e utilizam-se numa acepção totalmente diversa. Segundos interesses, desmedidos e inqualificáveis, estão na base de muitas iniciativas ou atitudes. O que importa é ganhar dinheiro, nem que seja à custa da mentira, de meias verdades ou do envenenamento dos espíritos; o que é preciso é minar os alicerces e corromper o edifício moral.

Vêm as palavras acima a propósito de certos concursos ultimamente efectuados e que tiveram a maior publicidade. Finalidades: escolher «misses» pelas suas características morfológicas, pelas medidas disto e daquilo, com mais ou menos roupa por cima do corpo. Júris «selectos» atribuindo os seus votos. Exaltação do sexo. Promoção de valores desconhecidos. Interesses em jogo nem sempre claros. Resultados práticos: telas de aranha na cabeça de muito boa gente, perversão dos valores autênticos, falsa noção do que deve ser a promoção da Mulher e mais uns cobres nas mãos de alguns.

As nossas notas têm de ser necessariamente breves, sem pretensões de exaustivas.

Continua na TERCEIRA página

SEMPRE NA BERLINDA

«Lião, 17 de Maio de 1838

«Caro Amigo» (a François Lallier)

«...Eis uma carta que parece se vai tornar terrivelmente maçadora: não para mim que me deixo ir ao correr da pena, mas para ti que não encontrarás aqui senão repetições de coisas mil vezes ditas entre nós. Também não valeria a pena fazer-te gastar dinheiro (Naquele tempo a franquia postal era paga pelo destinatário) e obrigar-te a uma hora de leitura, se não tivesse de falar-te longamente da Sociedade de S. Vicente de Paulo.

«Não nos iludamos, a Sociedade tem encontrado desconfinças por toda a parte. Se em Lião ela nunca incorreu na censura da autoridade eclesiástica, se mesmo alguns padres veneráveis a encorajaram, não tem cessado de ser objecto de vexames de muitos leigos: suprasumos da ortodoxia; padres conciliares de fraque e calças de fantasia; doutores que decretam entre a leitura do jornal e as discussões do escritório, entre a fruta e o queijo; pessoas para quem os recém-vindos são sempre os mal-vindos, para os quais tudo o que acontece em Paris se presume perverso, que fazem da sua opinião política um décimo terceiro artigo do «Symbole», que se apropriam das obras de caridade como coisa sua, e dizem, pondo-se modestamente no lugar de Nosso-Senhor: — «Quem não é por nós, é contra nós.»

«Não podes imaginar as mesquinhas, as vilanias, argúcias, bagatelas, injúrias que essas pessoas, com a melhor boa fé do mundo, têm usado contra nós. Os mais estimáveis são arrastados pela massa, e tivemos que sofrer muito mesmo dos que estimávamos. No entanto, não temos muito de que nos queixar, se vivemos num mundo em que o Padre Lacordaire foi anatematizado, Ragainan foi declarado ininteligível e o Padre Coeur suspeito.

«Chaurand e eu, como principais fundadores e dirigentes da obra, estamos sempre na berlinda, e esse papel fatiga-nos muito; algum azedume sempre fica no nosso espírito e a caridade ressentem-se nas conversas que somos obrigados a ter sobre o assunto. Por outro lado, há uma responsabilidade ligada aos nossos cargos, por mais modestos que eles sejam: as faltas que cometemos são duplamente graves quando podem recair sobre as obras que se dirige. Os presidentes das associações deveriam ser santos para merecer para elas as graças de Deus. Muitas vezes me pergunto como é que ouso, eu que sou tão fraco e mau, continuar o representante de tão grande número de bons jovens.

«É por isso que aspiro ao momento em que me seja possível deixar a presidência. Se Lettaillandier vier aqui, elegemo-lo por unanimidade, porque há, e isso é talvez a única coisa positiva que fizemos, a estima profunda dos membros lioneses aos seus amigos de Paris, mesmo que desconhecidos.

«...Meu caro amigo, quem me livrará de mim mesmo senão Aquele a quem pedimos que nos livre do mal? Peçamos juntos e receberemos. Reza por mim nas próximas festas, pela minha mãe também e por todos os meus, e pelo meu pobre pai de quem acabamos de celebrar o aniversário doloroso. Conta com uma justa reciprocidade minha. Aquele que muito te estima.

FREDERICO OZANAM.»

(In «ESCALADA» n.º 61 — 15-5-70)

Os tempos mudam. Os homens muito pouco.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

O Movimento Vicentino Paroquial vai prestar contas do trabalho de 1969. E mal parecia que o não fizesse, também, aos inúmeros amigos do «Famoso», há vinte e um anos interessados pelos nossos Pobres.

Relativamente, é fácil fazer um balanço, prestar contas. E, por vezes, materialmente consolador ver brilhar ou subir o cômputo dos cifrões, tanto por deformação profissional, ou empresarial, como por fraqueza inata do pecado de origem. Tropeçamos ou tropeçáramos, porém — frizámos no pequenino relatório a distribuir aos Subscritores — consoante os casos e posições — se encarássemos ou interpretássemos o nosso trabalho humilde e discreto — quantas vezes inoperante!... — e as nossas contas, só pelo prisma do **deus milhão**. Seria profanar!

Auxiliámos, em conjunto, 27 famílias; cinquenta pessoas no total. E botámos a mão, esporadicamente, a mais 15. Demos pouso a duas velhas, em instituição especializada. Internámos dois doentes. Fornecemos guarida a três famílias. Proporcionámos frequência escolar a uma jovem. E quatro dos nossos Pobres receberam, santamente, a Santa Unção.

Presentemente somos 10 Vicentinos, 21 Vicentinas e 310 Subscritores da paróquia.

Na medida do possível, e na linha de actualização da S. S. V. P., não descurámos o gravíssimo problema da Formação Vicentina, cuja urgência é verdadeiramente indiscutível na prossecução de uma Obra centenária, de sentido universal — porque da Igreja.

Temos de ser breves! Mas não podemos dispensar uma nota sucinta sobre o movimento material do ano de 1969; que o espiritual basta que Deus o saiba. Aí vai:

Em receitas próprias registámos: 715\$80 de colectas, 3.866\$20 de peditórios, de subscritores 19562\$, por intermédio do «Famoso» 10.110\$00, e do Cabaz do Natal 8.743\$90. O Conselho Central Feminino ofereceu 200\$00, e a Comissão Municipal de Assistência de Penafiel 500\$00. Outras receitas atingiram 2.243\$00.

O sumário da despesa é o seguinte: auxílio domiciliário 29.268\$30, auxílio na doença 4.680\$40, auxílio na habitação 410\$00, para auxílio espiritual (funerais) 1.354\$00, encargos administrativos 115\$00, e de contribuições para o Conselho Central Masculino e Feminino respectivamente: 653\$90 e 303\$00.

Finalmente, não podemos deixar de frizar o volumoso contributo dos nossos leitores, como já vimos. Para todos, um muito obrigado dos nossos Pobres.

+++

O QUE RECEBEMOS: — A persistência das migalhas é de uma perseverança espantosa! Abre a conhecida Viúva do Porteiro, velha amiga, com uma nota de 20\$ que vale milhões. Onassis, Rockefeller, Niarchos, um qualquer potentado do mundo — e ainda há tantos! — não daria tanto. Porquê? Deu do que lhe faz falta. Aqui está. Mais 50\$00 do assinante 5400, de Lisboa. E 80\$00 de Aveiro. E mais 20\$00 do assinante 7967. E o mesmo do n.º 13305. E mais 50\$00 do n.º 27572. E mais os 20\$00 do costume da

17022. E, finalmente, um engenheiro muito amigo, da rua Santo Ildefonso—Porto, completou a sua visita periódica à nossa Aldeia com 60\$00 para os nossos Pobres. Mais um cristão muito obrigado.

Júlio Mendes

×

Paço de Sousa

O passado dia três do corrente foi para nós um dia importante; celebrou-se o casamento do nosso Alvaro de Matos com a Maria Luísa.

A cerimónia foi às 11 horas. E acomodámo-nos todos dentro da nossa capela, ansiosos pelo momento do sim.

Os mais pequeninos aglomeraram-se o mais à frente possível, para verem e ouvirem melhor.

Acabada a cerimónia saíram todos. E os últimos foram os casados. Como é da praxe, tiraram fotografias com estes e com aqueles.

Lá dentro, os cozinheiros, esses, nem se fala! Andaram numa azáfama para apresentarem tudo a tempo e horas. Tocou novamente a sineta; era o sinal de entrar no refeitório para o copo d'água. E, como sempre, quando há festa na nossa Aldeia, foi mais barulho; mas uma vez por outra até faz bem — quebra a monotonia.



O Matos e a Maria Luísa.

Acabado o almoço tudo tomou seu rumo.

Portanto, para o jovem casal muitos parabéns e votos de muitas felicidades.

xxx

PEDIDOS — Todos nós somos jovens e queremos ocupar o nosso pouco tempo na prática de qualquer desporto como Basquete, Voleibol e mais. Mas como não temos nenhum equipamento para esses desportos, o amigo leitor não terá pela vossa casa ou pelo vosso clube?

Se tiverem algo que não faça falta, seja de que desporto for, do futebol ao hóquei patinado, tenham a bondade de nos enviar, pois ficamos muito agradecidos.

Esta crónica vai cheia de pedidos! Mas todos compreendem, tenho a certeza.

Como já disse em cima, que somos jovens, é verdade que nem só o desporto é construtivo; a música, a leitura, etc. — também é cultura. Por isso, se tiverem rádios que não façam falta também gostamos de ouvir música. E de ler. Sei que os nossos leitores não nos deixarão ficar tristonhos, não é verdade?

xxx

CRIANÇAS — Os nossos mais pequeninos andam melancólicos. Não têm com que ocupar o tempo livre. Há muito que o tinha reparado mas esperava uma reacção de sua parte — e esta veio.

Como a minha casa anda em obras, vou-me lavar à casa da petizada. Pois, esta manhã, mal entrava em seu ninho e já eles clamavam em cântico: «F. escreve para «O Gaiato e diz aos senhores, nossos amigos, que nos mimoseiem com brinquedos, livros de jogos e histórias do Walt Disney.»

Prometi-lhes que o faria. Aqui estou. Se os teus já não fazem uso desses livros não os conserves a monte, estorvando...

Sei que gostas de crianças — quem não gosta?!... — e que atonderás o clamor dos nossos. Não te demores. Eles estão impacientes!...

Manuel dos Santos

×

LAR DE COIMBRA

Reportagem do que foi a inauguração do novo Lar do Gaiato de Coimbra.

Pelo título deste artigo, vedes já aquilo de que vai tratar.

Foi no passado dia 12 de Abril que foi inaugurado a Casa para Lar do Gaiato em Coimbra.

A semana anterior e até o próprio dia, foram sobrecarregados com árduas tarefas nos acabamentos, até ao mais longe que pudesse ser. No entanto, às 4 horas da tarde, todos estávamos a postos para o grande momento na nossa vida.

Antes um pouco da hora marcada, começou a romagem dos muitos amigos que estiveram connosco. Como era de esperar, todos rejubilaram ao visitarem o edifício. Mas, chegou por sua vez, o momento central do dia: A celebração Eucarística.

No meio dos inúmeros amigos, veio o Sr. Bispo de Coimbra, Sr. D. Francisco, acompanhado pelo Sr. D. Alberto, e que presidiu ao acto inaugural.

Estiveram também presentes, outros amigos que, pela colaboração que nos prestaram, nos deram também uma imensa alegria com a sua presença. Estiveram portanto, o Sr. Presidente da Câmara, Sr. Governador Civil, e como não podia deixar de ser, o arquitecto e o engenheiro que desde o início se nos puseram à disposição.

Com algum tempo já de atraso, sobre a hora prevista, celebrou-se então a Santa Missa, que foi totalmente vivida pela multidão que se nos juntou, no largo fronteiriço à nossa casa. A maioria participou activamente.

Seguidamente teve lugar então a bênção do que é agora o Lar de Coimbra. Snrs. Bispos presidiram à cerimónia.

Algum tempo depois, foi o lanche para todos, como tinha também sido anunciado.

Decorreu dentro do maior entusiasmo e alegria... e, também porque não dizer?, confusão. Não é de admirar, se tivermos em conta a multidão que participou.

À noite já, começaram as despedidas — mas só até ao dia seguinte!

Ficámos finalmente na nova casa. Depois de tanto calor, que os amigos nos trouxeram, e de termos visto uma casa cheia, à noite, como que

nos sentíamos sós numa casa que estava vazia.

Não. A casa não estava vazia. Estava cheia do vosso carinho e amor por nós. A atestá-lo está o dia seguinte: novamente a grande multidão de amigos esteve connosco no Teatro Avenida de Coimbra.

De mais, desse convívio não vos falo hoje, ainda, pois já vou avançado.

Por tudo o que o Senhor nos concedeu, demos graças a Deus.

Francisco José Henriques

×

Notícias da Conferência do Lar do Porto

Peço desculpa de só hoje vir agradecer os carinhosos donativos que nos enviaram e que do fundo do coração agradecemos, pedindo ao Senhor que derrame nos vossos lares as maiores bênçãos e que nunca falte uma migalha para dar a quem não tem! Feliz daquele que dá com e do coração!

Os vossos donativos caíram do Céu! E quanto bem fizeram onde caíram...

Grande é esta verdade: «O pouco com Deus é muito e o muito sem Deus é pouco ou quase nada».

Não calculam como aquela casa está diferente! A alegria daquelas crianças por terem uma cama limpa, é grande! Mas a nossa não é menor. Chegar a esta idade sem saber o que é dormir no meio de dois lençóis!

Uma das pequenas, a quem nós chamamos a dona de casa, tem 12 anos, é muito fraquita, mas se a vissem a tratar das arrumações da casa ficavam admirados! E é ela quem faz a sopa enquanto a mãe trabalha para ganhar com que a fazer. Como isto tudo é belo!

Mas para acabar de mobilar a casa, ainda falta um guarda-loiça para a sala e um armário para as roupas. Pode ser que algum dos nossos leitores tenha algum já parado e arrumado nalgum canto. Confiamos. Também precisamos muito dum colchão para cama de casal, para a sr.ª Áida. Também já andamos a tratar da limpeza deste quarto.

Recebemos os seguintes donativos: uma senhora veio trazer-nos alguns tónicos. Um donativo de 20\$00 de um anónimo; mais 100\$00 de Fernanda, de S. Mamede da Infesta; um divã e 50\$00 para ajuda do colchão; de duas senhoras da Rua da Lameira de Baixo, uma cama, um colchão, um lavatório e algumas roupas e 20\$00 por alma do marido. Da Rua Álvaro Castelões, cobertores e várias roupas; do Sr. Engenheiro Queiroz, 50\$00; da Sr.ª D.ª Maria Matilde, de Castelo Branco, 100\$00; de D. Amélia Dias 20\$00



A encantadora — e pujante — verdura de Maio torna ainda mais airosa a bela casa-mãe de Paço de Sousa! Aqui são os refeitórios e cozinha; residência das Senhoras, poiso dos «batatinhas» — e casa de trabalho do Pai de Família.

e ainda de um anónimo 100\$00; de D. Maria Emília 20\$00; da Avenida da Boavista trouxemos dois divãs, duas camas cromadas com os respectivos colchões, tudo muito bom, do Sr. A. Ferreira; também da Avenida da Boavista, um divã grande, de rede e um fogão de gaz muito bom. Uma senhora de Anselmo Braancamp deu-nos algumas cadeiras e várias coisas com bastante utilidade para nós; e ainda do Sr. Padre Carlos, 7\$20; «entrou com pouco porque ainda não está experiente!» Mas não vai ficar por aqui, pois não? Um fogão não trabalha sem gaz!...

Também recebemos para a Conferência, de uma assinante amiga 40\$00. Da nossa muito amiga Sr.ª D. Celeste 100\$00 e ainda 50\$00 para a ajuda das amêndoas para os Pobres.

José Maria

Queima das Fitas no Porto

No passado dia 1 de Maio alguns dos nossos Rapazes foram escolhidos para irem à «Queima». Os que foram deram largas à sua alegria; os que não, esses, ficaram tristes. Mas sabem que no próximo ano poderão ser eles...

Chegados ao local do encontro, uns já se conheciam; outros foram conhecer alguém que, com amizade, nos quer ajudar: os estudantes e as estudantes.

Os conhecidos cumprimentaram-se. E os desconhecidos fizeram a sua apresentação. Depois, cada estudante escolheu o seu companheiro. O certo é que cada um dos nossos esperava ser escolhido por um ou uma da sua simpatia!

Tudo pronto, os grupos seguiram a caminho para a «venda da pasta». A nossa malta ia feliz! Naquele dia sentiam algo mais dentro deles — o carinho e o amor de todos e cada um dos estudantes.

Mas não há dúvida, nós também somos os estafetas que saímos de Paço de Sousa — ou de qualquer uma das nossas Casas — rumo a todo o país com o facho do amor por ti, leitor: por intermédio das Festas, na venda do «Famoso» e até por meio destas colunas. E também pela «Queima das Fitas». Foi amor redobrado.

Acabado o dia que todos queriam jamais acabasse, voltámos satisfeitos pelo nosso trabalho. Houve quem trouxesse direcções. E o mais importante — a grande amizade daquele encantador grupo de jovens universitários. Quão bom seria se toda a massa jovem seguisse o vosso exemplo!

No regresso, a malta, de sorriso nos lábios, contou as delícias daquele dia, passado junto ao seu (ou sua) estudante. E todos nos sentimos felizes!

Manuel Santos

Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Cantinho da Família

Cont. da PRIMEIRA página

«Uma vez», pois, «que Deus nos amou e enviou o Seu Filho como Vítima de expiação pelos nossos pecados» (isto é, para que pudéssemos ser filhos) «também nos devemos amar uns aos outros». Se o fizermos, «Deus permanece em nós, e em nós o Seu amor é perfeito».

Eis pois a ordem cronológica e lógica que nos conduz à perfeição do amor: Primeiro Deus a amar-nos; depois a nossa resposta, por Cristo, em Cristo, com Cristo na universalidade do Corpo que Ele, Pessoa Divina, encabeça.

— E qual será o limite da nossa correspondência ao amor do Pai, manifestada na concreta prestação de amor aos irmãos?

— «In finem dilexit...» Cristo é Mestre e Senhor. Amou-nos até ao fim, até à última gota de sangue por nós derramada, a confirmar que «não há maior amor do que dar a vida pelos amigos.» E, «como Eu vos amei, vos mando que vos ameis uns aos outros».

Não é amor autêntico aquele que não durar até ao fim, até à morte, no sacrifício da vida

ao serviço dos amados. «Vós sereis Meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando».

A perseverança no amor pertence, pois, à essência do amor.

Amar hoje e não amar amanhã — não é e na verdade nunca foi amor.

Quem pode responder por si? Qual é o homem tão ousado que se julgue capaz por si mesmo de amar em verdade?

Tudo isto deve ter profundamente meditado Pai Américo, quando nos deixou esta regra: «Os padres da rua são, dentro da Obra, o toque espiritual das almas que lhes estão confiadas. Eles são por natureza o pai de famílias, o homem aflito, queimado interiormente e constantemente pelas necessárias vicissitudes da Obra, até ao desgaste final — a morte. Não se molestem e sofram com paciência até ao fim, a ingratidão dos a quem servem, se a houver. É o sal. É a recompensa divina; eles são servos de Deus. Por estas dores chega-se mais depressa à contemplação do **Homem das Dores**, que levou a vida mortal a servir. Assim como Ele, também os padres da rua».

Por

PADRE LUIS

Aqui LISBOA

Continuação da PRIMEIRA página

De qualquer modo queremos lavar aqui o nosso veemente protesto contra iniciativas do tipo assinalado. Porque razão não se promovem os verdadeiros valores humanos? Será que a Mulher tem na mera exaltação dos seus dotes físicos o caminho da sua própria felicidade e da dos outros? Residirá no efêmero das proporções ou da frescura mais ou menos artificial do sexo feminino a sua grandeza? Que valores do espírito se pretendem alcançar ou difundir? Não será contribuir para um falso conceito dos alvos a atingir e um péssimo exemplo a propor a quem ainda vive, em muitos casos, em condições de autêntica escravatura? Concursos desta índole fazem-nos lembrar os que se reali-

zam em certames pecuários, em ordem a eleger os animais melhor proporcionados e com características de maior produtividade, seleccionando os mais aptos em ordem a um melhoramento da raça ou da espécie. Mas aqui compreende-se a razão de ser de tais empreendimentos. Nos outros casos só se conseguirá a degradação da Mulher, fazendo-nos até perder a recta sensibilidade para uma respeitosa apreciação da sua beleza e do poder de atracção da sua feminilidade. Tudo o que é de Deus é grande e deve apreciar-se segundo os Seus planos; destruída a perspectiva do Alto, tudo se desvirtua e perde.

As Casas do Gaiato são uma exemplificação viva das consequências das desuniões e dos desvarios dos homens.

Tribuna de Coimbra

Gostaria de dar aqui testemunho de todos os testemunhos que temos recebido este ano, sobretudo nos últimos tempos, mas é impossível. Mesmo que o sacrifício heróico das Senhoras de Coimbra que

quiseram andar de casa em casa não tenha frutificado materialmente aquilo que se devia esperar, mesmo assim, a cruzada foi feita e teve obrigação de inquietar os espíritos. Já dissemos da multidão

anónima que com simplicidade se reuniu connosco à volta do altar e do mundo de coisas boas de comer e de beber que foi chegando muito discretamente para o banquete daquele dia. E o grande número de embrulhos e outras coisas que se amontoou na futura sala de costura e por toda a casa! Um autêntico enxoval!

Vieram, também, quantias grandes e pequenas, anónimas ou com cartões, pelo correio ou entregues à mão, na rua ou trazidas a nossa casa, na rua ou na Casa do Castelo ou na Sacristia de Santa Cruz, pelo telefone ou em vales do correio. Coimbra esteve bastante presente.

Para os amigos de fora de Coimbra, aí vai a nossa agenda desde o princípio do ano: — o vale mensal de cem escudos de Vilar Formoso; 500\$ do assinante número 18.821; 50\$ de Tomar; cem de Vila Nova de Tazem; cem de Tomar; 250\$ de Oliveira de Azeméis; cem de Espinhal; roupas e calçado de Miranda; laranjas e 500\$ mais 100\$ mais 100\$ mais 50\$ mais 250\$ e batatas da minha aldeia; cem de Dafundo; quinhentos de Pinhão. Quinhentos na Adico; cem de Abóboda; cem de Lisboa; 250\$ das Caldas; cem da Figueira; quinhentos da Covilhã; 2.800\$ do primeiro ordenado que Casal amigo de Aveiro veio trazer; mil de vizinhos de Miranda; quinhentos e móveis de Casal da Covilhã; 200\$00 pela nossa Casa de Paço de Sousa; vários duzentos de anónima de Miranda; cincoenta de Albufeira; vinte em Miranda.

Novocentos do Fundão; 50\$ do Luso; 50\$ ao vendedor de Tomar; mil em cheque de Leiria; visitantes de muitas escolas; visitantes da Figueira; cinco mil de vizinho de Miranda; cem de Grândola.

Dêmos graças a Deus pelo pequenino bem que cada um de nós vai operando.

Dêmos graças a Deus.

Padre Horácio



VISTAS DE DENTRO

Dia de S. José - Operário. Capela cheia. Decorre o Sacrifício da Missa. Padre Abraão explica, chãozinho, o significado da Festa.

Não se ouve um sussurro. Mas há grilos! E, numa e noutra banda, a oração dos cantadores. Gri-gri manso, doce — poético. Grilos na Casa do Senhor!

Discretamente — ó santa disciplina! — entra um retardatário. Estanca ao pé de mim. E traz volumosa caixa de cartão perfurado. São mais grilos! Não pousa a gaiola. Retem o tesouro sob o braço esquerdo. E, como os outros, toma nota da Palavra do Senhor, pela boca do celebrante. De vez em quando ouço cantar. Movimenta a mão, com quem diz: **cantai, mas sem exagero!**...

A frente, é o **Cavaquinho**. Mais evoluído, como ora se diz! Gaiola de plástico, pequenina, mas de categoria. O contraste não fica só por aqui. Enquanto Miguel — o retardatário — permanece imóvel, com os seus amigos debaixo do braço, aquele pousou desde início a casinhota junto ao pé esquerdo...

Vim depois saber a história da caixa. Ó história!

Foi primeiro do Américo. Deste pró **Gágá**, que a meteu em um **negócio de quintais**; e

em mais uma sociedade de exploração grileira! Cantadores recolhidos por ele e Miguel passam a residir na caixa comum. E se todas as **negociatas** cá em Casa fôssem assim?! Seria uma delícia! Mas não. Por isso, quem nos dera épocas de grilos durante os 365 dias do ano!

Decorre a celebração. E delicio-me pelo cuidado de **Cavaquinho** e Miguel com a sinfonia encantadora — e quase imperceptível! — dos alegres insectos. Foi uma grande oração!

Num templo público seria um escândalo. Seria. Um caso para rir. Talvez... Aqui, não. Época de grilos, são caixas e caixotes e gaiolas com eles até na Capela. Simplicidade e beleza!

x x x

Abril, Maio, dois meses saborosos. Tradição que não se desfaz. Interesse que permanece. Sinfonia celestial que, se nós apreciamos, quanto mais o Pai do Céu — Criador e Senhor! O Evangelho não diz. Mas nada custa a crer os grilos fôssem também na Casa de Nazaré. Mais ainda; até na Última Ceia. Quem sabe!

Esta a lição dos nossos Rapazes. O seu amor aos grilos, o seu amor à Natureza — fon-

te inexgotável de Vida e Beleza — preserva-os do mal e ajuda-os no caminho do Bem. Esta a pedagogia de Pai Américo — do Evangelho. Outras — e tantas! — são **conversas de papel, de papéis...**

JULIO

Ontem foi um domingo como raros. Mal entrei no escritório. Nada que me lembrasse burocracias (que diabólicamente sempre se intrometem na vida de quem as detesta).

Depois de uma invernada des-temperada, um dia maravilhoso.

No campo da bola, vinte e dois ocupavam-se num treino. Muitos, em volta, assistiam ou faziam mini-desafios. Eu também lá estive. Não aprecio futebol, mas naquela hora gostei.

Os pequeninos começaram a **pegar comigo**: Faziam-me judiarias. Depois fomos dar uma volta pela quinta: as vacas, os porcos, os touritos de estabulação livre, os pomares... Enquanto fomos, aproveitámos arrancar os «ladrões» das nossas vides: os pequenitos os rebentos mais baixos; eu os mais altos.

Todos queriam ir ao pé de mim — que bom! E a vida que tão poucas vezes nos dá

esta liberdade — que mau!

É a idade em que se enraizam as grandes afeições. Eles têm fome de carinho. Quem o não tem?! Quem dera fôssemos muitos para lho dar!

Almoçámos. Domingo de Pentecostes, houve pequenina nota festiva. Um café no nosso bar e o princípio de um crédito de consumo aos maiorzitos que ainda não ganham. Vamos a ver em que dá...

Depois duas partidas de «damas» e um bocadinho de televisão. A malta maior dispersou. Os médios foram jogar com um grupo visitante.

Chegou o «Foscoa» e sua Esposa. Foram duas horas deliciosas. Que sabor nos trazem estes nossos que vêm do seu pequeno lar ao Lar-grande, para comungar vida e dá-la em comunhão!

Até os visitantes que atendi, me pareceram excepcionalmente interessados pelas pequenas coisas que são a face mais autêntica do nosso viver. O poder da simpatia!

Não fiz nada... e fiz tanto neste dia feliz! Estive, muito de dentro, muito de perto, com os meus. Que outra tarefa será mais da nossa missão?! E revigorei-me, para hoje, para muitos dias que não podem ser fáceis e doces, como o dia que ontem o Senhor fez para mim.

Visado pela
Comissão de Censura



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

A bola de neve continua a rolar! Ora mais, ora menos rápida — mas continua.

Admirável, o extraordinário interesse dos nossos leitores! Seja por notícias calorosas, que nos chegam às mãos, de todos os quadrantes (de norte a sul do País, do Ultramar e até mesmo do estrangeiro — e, na medida do possível, vamos dando à estampa), seja pelo magnífico resultado da acção de todos e cada um dos devotos.

Não é lisonja. Tão pouco exagero. Mas a verdade. Tanto mais quanto é certo não se tratar de um concurso, apesar de estarmos na era deles por tudo e por nada. Nunca o foi. Nem será jamais, a Campanha de Assinaturas.

Um jornal não se avalia pelo gasto de papel — que os números enganam. Mas pela inquietação que gera, de muitas e variadas formas. E quando ela, a inquietação, transpõe ao vivo, e se projecta e realiza, e faz das pedras filhos de Abraão — um Mundo Melhor — então, dá-se no vinte. É assim — foi e será sempre assim — o «Famoso»; luz da Luz, um bocado de todos — e

Campanha de assinaturas

sangue dos Pobres — que, por isso mesmo, faz lume na consciência de muitos e na de tantos que hão-de vir até nós pela vossa mão, ou melhor, pela vossa doação. E a Campanha é isto mesmo — a doação de poucos em benefício de muitos; de todos os homens sedentos de Paz e Amor.

● O MEU GOSTO SERIA BASTANTE GRANDE SE...

Vamos já passar a palavra aos leitores. Eles é que são o motivo e objecto da procissão. E como Lisboa é a capital, comecemos por lá. Atenção:

«É já bastante tarde; mas, com muito prazer, envio as lista da Campanha de Assina-

turas. Não foram tantas como eu desejava; porque o meu gosto seria bastante grande se pudesse encher a segunda lista.

«Vejo o tempo passar e não consigo concretizar a minha ideia. Por isso as remeto já.

«Todos os assinantes constantes nesta lista, são pessoas a quem tenho emprestado o nosso Jornal e que têm vontade de o possuir. Pedem, por isso, que lhes mandem o recibo, como se as assinaturas começassem em Janeiro, para ser o ano completo».

O sublinhado é para ser lido e relido. Mas que trabalho estúpido!

● ESTOU PRESENTE

Agora, escutemos um amigo do Porto:

«Assinante do vosso Jornal, já há alguns anos — nada fiz por vós! Mas nesta chamada estou presente, com cinco assinaturas para o «Famoso». Na circular vão as direcções dos novos assinantes, que pagam 35\$00 anuais. Assim como este vosso velho assinante fica a pagar os mesmos 35\$ anuais.

«Desejo muitas felicidades para a vossa Obra. Assinante 2459».

● CORAÇÃO SEDENTO DE «DAR-SE»

A presença que segue, é de Espinho — viveiro de leitores do «Famoso» e de muitos amigos, também. Ouçamos:

«Pax et bonum!

«Que a misericórdia, a Paz e Santidade Divinas habitem convosco.

«De há muito que nutro o desejo de ser assinante do vosso Jornal, bem assim, se possível, ter um conhecimento ainda mais directo e profundo da vossa «válida» Obra, pelo que agradeço, logo que possível, se dignem esclarecer-me da forma mais conveniente de como e o que devo fazer para o efeito.

«Conquanto tenha toda a minha vida bastante onerada, não me sinto bem com a lacuna de não pertencer às vossas fileiras, mesmo que sob a estreita limitação das minhas minguadas possibilidades materiais, que não espirituais, e de coração sedento de «dar-se».

Um cristão não só fala como, sobretudo, age assim! Este nosso amigo foi informado. E já é leitor do «Famoso». Todavia como, recentemente, e graças a Deus, são muitos os pedidos de esclarecimento idênticos, aqui vai a resposta geral: Basta terem a bondade de nos enviar o nome e a morada, em carta ou postal — como for mais prático — frisando o desejo de assinar o Jornal. Tão fácil! Venham outros e outros! Quanto mais espontaneidade — melhor.

● O GROSSO DO PELOTÃO

Vamos, hoje, ficar por aqui, que o espaço não é elástico! Porém, não desejamos terminar sem dar uma síntese, muito sintética, do grosso pelotão. Aí vai: Além de Lisboa e Porto, recebemos boas notícias do Montijo, Rio Tinto, Póvoa da Galéga, Castelo Branco (anda por lá fogo a queimar!), Faro, Casais (Meinedo), Tomar e Santarém. Do Ultramar, neste período, só marcou presença Lourenço Marques. E, do Brasil, uma presença viva do Pará. É tudo! E vamos a caminho dos 2.000...

Júlio Mendes

Lourenço Marques

Quando há um mês aqui apareceu o que nos têm dado, foi só metade. Ficou o mais que adiante se verá. Não é muito, não é certo, não se sabe onde nem quando, mas é o alimento forte da nossa fé, pois é com os olhos nele que caminhamos. E que perigoso seria o caminho se assim não fôsse!

Visitantes com livros escolares e 170\$. Não sei quanto dum amigo da Machava. 500\$ da promessa de uma avó. Alunos do Colégio de N. S.ª da Conceição, de Inhambane, 50\$ das suas economias no 1.º período e uma linda carta dirigida aos nossos. Ainda ninguém mais fez o mesmo, mas creio que outros hão-de imitar o vosso exemplo. De Sãozinha e Rui 500\$ mais 200\$. Um casal visitante com 500\$ e três vezes um Professor universitário, com inteligência e bondade de mãos dadas. Assinante 33851 com cem e igual de anónimo. E uma visita da Alcateia de São Domingos Sávio que nos deixou gratas lembranças.

Do aumento do ordenado e por alma do marido, 500\$, roupas, calçado e dois bancos. Dum bancário 79\$70 e 50\$. Idem de dois sul-africanos. Idem de Magude Comercial. Do grande amigo do nosso Toninho 2.500\$ para cimento. Do «magro ordenado dum

professor primário» 250\$ mais 200\$ do filho e namorada. «Uma gota para ajuda das despesas». 500\$ de visitante, igual da Sonap e 300\$ dum urbanista da Câmara. De alguém que trabalha na Wenela 100\$ + 250\$ + 100\$. A costumada ajuda em massa e farinha da C. I. M. Do Natal dos Pobres 25.000\$, mais dois do amor de quem no-los trouxe. Pessoal do escritório e vendas da Robilac 450\$ + 500\$ da Gerência. Do mealheiro da Farmácia Normal 210\$. Duma subscrição na Sociedade de Ferragens e Vidros, 1060\$. Dez rands e uma partida de vassouras e escovas da Prolar. Da Sociedade do Incomati 50 kg de açúcar todos os meses, mais um saco especial do Natal. Da Fábrica P. Santos Gil 50 kg de arroz todos os meses. Dum funcionário da Junta de Povoamento 150\$. De alunos do Externato Marques Agostinho 1800\$. Da Pendray e Sousa seis grades de refrigerantes. De um amigo em férias, em Lisboa, 500\$. Da Manutenção Militar uma consoada abundante. Da SAL. Produtos 1500\$ para a mesma e 500\$ da venda de livros. Na firma Ginwalla e Filhos 2.000\$.

O peditório em Dezembro na Catedral rendeu 15.761\$. No primeiro Domingo de

Junho lá nos encontraremos outra vez. De alguém do Jardim Vasco da Gama 20\$ e quinhentos de quem os trouxe. Mais uma geleira eléctrica. Quando teremos a electricidade?! De um cristão da Beira mais 5.000\$.

Mais cem «dum casal amigo». Mil de alguém que trabalha no BNU; 200\$ de A. J. R. Marques. Mais um aumento de ordenado e 964\$50 não sei donde. Anónimo entregou a um vendedor cem. Um leitão na rua João Belo. Cadeiras de estar e roupas dos netos do sempre jovem companheiro de Pai Américo, Sr. Meirim. Do bairro Triunfo: rede, tubos e madeiras. Escovas de caiar e 500\$ dum negócio entre irmãs.. Compota da Simons e C.ª 500\$00 por alma do Guilherme. De um menino que ficou bem no exame da 4.ª classe 200\$. Igual mais garrações e jornais dum amiga de sempre. Cem quilos de açúcar da Sena Sugar, mais 4 caixas de chá. Retratos de Pai Américo oferecidos pela Foto-Lusitana. E cem mais cem por alma do marido. Da rua Mariano Machado, roupas e calçado. Um fogão a gaz que muito alegrou o nosso «Cuca». 50\$ na Igreja de Malhangalene. Um rancho do Sr. Martins e por várias vezes outro do seu compadre a quem Deus dê muita saúde. Um jogo de sofás da Foto Bébé. E da Agência Mercantil material eléctrico para as nossas escolas que estamos quase a acabar. Um quase, muito doloroso, que esperamos abreviar o mais possível com Deus e com os amigos.

Padre José Maria

Lar Operário em Lamego

Todos os leitores souberam que no dia 20 de Março estiveram aqui os Gaiatos de Paço de Sousa. É sempre motivo de alvoroço e fala-se largamente e com entusiasmo da Obra da Rua, antes e depois da festa.

Há os críticos que tudo vêem com olhos de amor e dizem que foi uma maravilha. Há também os que (muito poucos) friamente assistem ao desenrolar dos números e apontam «os falhanços». Há ainda os que afirmam que somente ver os rapazes no palco, mesmo que nada dissessem ou representassem, já valia a pena sair de casa.

Este ano o que mais apreciámos naquela noite, foi a enchente da sala de espectáculo!!!

Temos sempre uma palavra de agradecimento para o público de Lamego, mas tem acontecido nos anos anteriores que os bilhetes são vendidos e depois encontram-se lugares vazios. Contentam-se em dar a ajuda monetária e negam a sua presença à festa. Falta alguma coisa. Nem só o dinheiro interessa. Vale muito mais o amor

dos corações e o calor das palmas. Os rapazes sentem-se mais acarinhados e no final das actuações que fazem em diversas localidades, ficam com vontade de voltarem.

Desta vez foi completa a sessão. A bilheteira ficou esgotada e demos conta dos empregados se preocuparem com muitos que se encontravam nos corredores.

Tivemos a colaboração das Ex.mas Autoridades e da Gerência do Teatro Ribeiro Conceição. Renovamos os nossos agradecimentos por todas as facilidades que foi possível conceder.

Temos uma palavra especial de gratidão para quem se encarregou de vender os bilhetes. A circunstância do espectáculo ser efectuado nas férias, estando ausentes muitos estudantes, foi compensada por um maior esforço e grande entusiasmo. É esta a preciosa colaboração da «família externa» da Obra da Rua que suaviza as horas amargas dos seus obreiros.

Padre Duarte



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE